

Avatar

O Futuro do Cinema
e a Ecologia das Imagens Digitais

CONSELHO EDITORIAL

Alex Primo - UFRGS
Álvaro Nunes Larangeira - UTP
Carla Rodrigues - PUC-RJ
Cristiane Freitas Gutfreind - PUCRS
Erick Felinto - UERJ
J. Roberto Whitaker Penteadó - ESPM
João Freire Filho - UFRJ
Juremir Machado da Silva - PUCRS
Michel Maffesoli - Paris V
Muniz Sodré - UFRJ
Philippe Joron - Montpellier III
Pierre le Quéau - Grenoble
Renato Janine Ribeiro - USP
Sandra Mara Corazza - UFRGS
Tania Mara Galli Fonseca - UFRGS

ERICK FELINTO E IVANA BENTES

Avatar

O Futuro do Cinema
e a Ecologia das Imagens Digitais



Editora Sulina

© Erick Felinto e Ivana Bentes, 2010

Capa: *Eduardo Miotto*

Editoração e projeto gráfico: *Daniel Ferreira da Silva*

Revisão do português: *Gabriela Koza*

Editor: *Luis Gomes*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

F315a Felinto, Erick

Avatar: o futuro do cinema e a ecologia das imagens digitais / Erick Felinto e Ivana Bentes. -- Porto Alegre: Sulina, 2010.
119 p.

ISBN: 978-85-205-0563-2

1. Cinema Digital. 2. Comunicação Social - Tecnologia Digital.
3. Avatar – Ensaio. 4. Ecologia Digital - Cinema I. Bentes, Ivana. II. Título.

CDU: 791:681.5

791.43

CDD: 778.5

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Meridional Ltda.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS
Tel: (051) 3311-4082
Fax: (051) 3264-4194
www.editorasulina.com.br
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Junho /2010}

IMPRESSO NO BRASIL/PRINTED IN BRAZIL

Sumário

Apresentação, 7

They killed their mother: Avatar, o tecno-misticismo
e as contradições de Hollywood, 11

ERICK FELINTO

Pós-escrito: “They killed wonder”,
ou, como Hollywood pode nos devolver a sensação do espanto, 44

Eu vejo você: antropologia reversa em *Avatar*,
ciber-índios, pós-cinema ou como arrancar
um pensamento complexo dos clichês, 55

IVANA BENTES

Corporativos, militares, cientistas, 63

“Eles são bem difíceis de matar”, 65

“Dá-me um corpo!”, 71

Da teoria de gaia a antropologia reversa, 73

“Eu vejo você”, 76

“Uma diplomacia cósmica sem ilusões”, 86

A metafísica Na’vi: ressurreição da mente, 96

Devir-animal e co-evolução, 98

Dos corpos-máquinas à carne, sintética e à mente-programa, 101

Identidade genética e corpo vivido, 104

A nova carne das imagens: pós-cinema, 111

Apresentação

No mês de abril de 2010, o cineasta James Cameron e a atriz Sigourney Weaver estiveram no Brasil para participar de protesto contra a construção de uma usina hidrelétrica em Belo Monte, no Pará. A notícia foi largamente divulgada em todos os grandes jornais do país. Aproveitando o estrondoso sucesso de seu *blockbuster* ecológico *Avatar*, Cameron juntou-se aos índios que protestavam em Brasília, e afirmou que preservar a vegetação amazônica deveria constituir uma preocupação de âmbito internacional. Cameron quer a intervenção de Washington, de modo a evitar uma tragédia ecológica nos moldes daquela fantasiada em seu filme – no qual a população indígena do planeta Pandora é dizimada em função dos interesses de uma companhia de mineração. Apesar de reencenar uma antiga e desgastada discussão sobre a soberania nacional e o intervencionismo norte-americano, a notícia nos pareceu também propiciar ocasião para outro tipo de debate de interesse especial para os estudiosos da comunicação. Era como se a ficção tivesse transbordado das telas de cinema para invadir o cotidiano que, por sua vez, já não parece há muito tempo existir em outra forma que a midiaticizada.

Havia, de fato, algo de extremamente teatral no acontecimento. Porém, mais que isso, materializava-se a percepção de que os territórios da mídia e da “realidade” tinham

convergado de forma inquestionável. Se o mundo parece perder substância face a seus processos de midiatização, talvez isso se deva precisamente a uma situação cultural em que a mídia atingiu o ápice de seu poder. Ela chegou ao ponto de poder prescindir inteiramente do suporte da realidade e, desse modo, caracterizar-se como eminentemente tautológica. Hoje, o grande tema de discussão das mídias são elas próprias. A internet fala da internet, a televisão fala da televisão, o cinema fala do cinema. O incrível êxito de *Avatar*, que reuniu legiões de fãs numa admiração incondicional pelo belo e irreal mundo de Pandora, tornou-se emblema dessa supremacia absoluta da mídia. Para muitos desses fãs, a escolha entre continuar existindo na realidade ou construir morada nas florestas coloridas de Pandora é evidente. Diferentemente do protagonista de outro grande *hit* hollywoodiano, a maioria deles optaria por tomar a pílula azul. Enquanto Neo escolhe, em *Matrix* (1999), retornar às impurezas e imperfeições do mundo pós-apocalíptico, os fãs *hardcore* de *Avatar* elegem transportar-se para o belo e antisséptico universo da simulação digital, dos corpos virtuais, das imagens eletrônicas.

Os dois ensaios apresentados neste livro se defrontam, a partir de perspectivas e olhares diversos, com a sedução dos novos prazeres digitais e dos mundos cibernéticos. Mas não se trata, de modo algum, de denunciar os possíveis perigos da civilização tecnológica e buscar medidas profiláticas para salvar uma humanidade ameaçada de converter-se em máquina. Conjugando reflexões sobre as profundas transformações atravessadas pelo cinema na contemporaneidade com diagnósticos a respeito das mutações culturais em curso, o que esses textos objetivam é oferecer sugestões criativas e enriquecedoras para se lidar com o presente. Nesse contex-

to, parafraseando o conhecido ensaio de Heidegger sobre a questão da técnica, talvez pudéssemos dizer: “Lá, onde está o perigo, também cresce a salvação”¹. Se por um lado não se pode fechar os olhos aos riscos que assumimos em nossa cultura cada vez mais tecnológica e espetacularizada, também não parece sensato negar os rumos do tempo e buscar um retorno a idílicos passados. As incríveis potencialidades das tecnologias digitais e do universo midiático em que vivemos mal começaram a ser exploradas. Nesse sentido, há muito que fenômenos como *Avatar* podem nos dizer a respeito dos futuros que escolheremos para trilhar. Os dois trabalhos aqui reunidos buscam, portanto, abrir-se para um devir carregado de promessas e possibilidades. Talvez tenhamos temperado o necessário olhar crítico do investigador com a curiosidade típica da infância, e, como crianças, sentamo-nos diante das telas também para nos maravilhamos. E a admiração, já se disse, é o princípio da filosofia.

¹ No original: “Wo aber Gefahr ist, wächst das Rettende auch”. Cf. Heidegger (1990, p. 236).